

“VIRGENS MESSIÂNICAS”: A Participação Feminina e Imaginário Religioso no Movimento do Contestado 1912-1916

SERGIO ALBERTO FELDMAN

Contestado, 1912-1916. O messianismo e o fanatismo presentes no Movimento nos remetem a uma abordagem que nos permite conhecer a participação das mulheres que estiveram presentes na Guerra Santa do Contestado, mulheres estas, conhecidas como as “virgens”, possuidoras de muitos poderes e influências sob os sertanejos e o mundo mítico estabelecido por eles.

Para o antropólogo Georges BALANDIER¹ as discussões atuais referentes ao poder estão profundamente relacionadas a uma certa mutualidade entre historiadores e antropólogos. Tais preposições possibilitam a existência de “relações *essenciais*, unindo o domínio do poder e o domínio do sagrado, o poder político e o poder simbólico.²

Com relação ao poder atribuído às mulheres podemos compreender que o poder “capacita a manipulação das forças, mas seu mau uso faz surgir a violência social e, com ela, a desordem”³. Nesse sentido podemos tentar construir uma compreensão à cerca dos conflitos relacionados com a manifestação de violência nos redutos no que concerne a desobediência sertaneja às ordens estabelecidas⁴.

A imprensa oficial de Belo Horizonte refere-se a duas “virgens”, meninas de sete e doze anos respectivamente, como sendo intermediárias de um poder divino, as quais determinam de forma absoluta e incontestável as mais diversas incumbências no que se refere às formações dos levantes e piquetes travados na campanha do Contestado.⁵ Apoiados em um discurso racista os militares concebiam as atitudes rebeldes dos sertanejos como atos de barbárie e ignorância, sem perceberem, evidentemente, os aspectos culturais e principalmente religiosos da resistência

Theodora, uma das virgens, talvez a mais importante, seguida de Maria Rosa, dentre outras, costumava ter visões e a partir delas impor aos sertanejos o cumprimento de tais ordens, pois assim era a vontade do Monge. O poder e a inspiração divina de Theodora eram encarados por seu avô, Euzébio Ferreira dos Santos, como um dom merecido, pois só as meninas novas e virgens deveriam ter a graça de ver e de falar com o monge.⁶

A nova ordem representava a completa ruptura com um mundo de oposição à República e ao poder dos coronéis. Na espera do retorno dos monges guerreiros de São Sebastião, os sertanejos aguardavam um mundo idealizado, onde um exército encantado os ajudaria a lutar pela crença de que uma Cidade Santa ali se estabeleceria, havendo então um reencantamento⁷ do mundo. Mundo este de igualdade e paz entre os sertanejos.

Os monges tornaram-se mito e símbolo. A eles foram atribuídos milagres e prodígios e é curioso e ver – como acontece muitas vezes com as anedotas picarescas populares – que estas histórias míticas se adaptaram dentro de cada município e em cada lugar, a personagens reais ali conhecidas.⁸ É através do imaginário religioso do movimento do Contestado e a trajetória da existência dos monges, que encontramos nas suas porta-vozes um lado do movimento que traz a representação do messianismo concretizado não apenas pelos atos e ações dos homens, mas também representado pelo poder divino destas meninas – as virgens- representantes do poder e da inspiração divina, dotadas de poderes de cura e milagres.

As meninas “virgens” eram capazes de estabelecer um elo entre o mundo encantado e mítico com o mundo dos sertanejos, mundo este que os levaram a lutar até a morte pela crença da Santa Religião e que nos remete à possibilidade de conceber este movimento através de um olhar voltado para universo mítico religioso em que as mulheres

foram portadoras e representantes de um grande poder simbólico, mas que trazidos para o plano concreto, influenciaram certamente, muitas das ações e decisões nos redutos.

Bronislaw BACZKO cita: “(...) Exercer um poder simbólico não consiste meramente em acrescentar o ilusório a uma potência “real”, mas sim em duplicar e reforçar a dominação efectiva pela apropriação dos símbolos e garantir a obediência pela conjugação das relações de sentido e poderio. Os bens simbólicos, que qualquer sociedade fabrica, nada têm de irrisório e não existem, efectivamente, em quantidade ilimitada. Alguns deles são particularmente raros e preciosos. A prova disso é que constituem o objecto de lutas e conflitos encarniçados e que qualquer poder impõe uma hierarquia entre eles, procurando monopolizar certas categorias de símbolos e controlar as outras.”⁹.

Os valores referentes ao que entendemos por virgindade e inocência estão associados a uma ruptura com os valores antes estabelecidos pela família. Essas duas “virtudes”, associam-se à ausência de comprometimento com o velho século.¹⁰ Nesse sentido podemos entender que a virgindade associada ao poder e à inspiração divina das meninas está ligada não somente à ruptura com os valores do mundo desencantado, mas também como um fator de hierarquia dentro da irmandade. Algumas fontes sugerem o envolvimento sexual do monge José Maria com as virgens, porém muitos autores duvidam deste envolvimento¹¹, que neste caso associaria a virgindade das duas meninas como sendo apenas um fator de pureza de espírito.

Para o militar D’ASSUMPÇÃO, as ordens pronunciadas pelas virgens eram atos de extrema maldade, idiotismo e estupidez. Ele caracterizava o poder emanado das “virgens” como atos de “*monstros humanos*”.¹² As mulheres parecem exercer uma onipotência ora para o bem, ora para o mal dentro da sociedade¹³.

Roger CHARTIER nos permite estabelecer uma compreensão do universo das representações e seus significados nas relações de poder exercidas pelos indivíduos. A

partir daí, entendemos as representações como sendo “matrizes de práticas construtoras do próprio mundo social – Mesmo as representações coletivas mais elevadas só têm existência, só são verdadeiramente tais, na medida em que comandam atos.”¹⁴

As relações de poder e de dominação representadas pelos diferentes personagens do movimento são compreendidas como sendo uma construção de “estratégias e práticas (...) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação”.¹⁵

Para compreendermos as questões pertinentes à violência gerada através das manifestações guerrilheiras travadas pelos sertanejos da Guerra do Contestado o perfil do “bandido social” proposto por Hobsbawm¹⁶. A rebeldia do sertanejo, caracterizada como “banditismo social” é “apenas uma forma primitiva de protesto social organizado”¹⁷. No entanto, falamos de uma Guerra Santa onde o primitivo chega muito próximo de nossa atual experiência. É estranho aos nossos olhos entender uma guerra Santa que travou batalhas utilizando técnicas “arcaicas de guerra”. Assim, o banditismo social não é colocado aqui como uma concepção etnocêntrica, a qual faz percebermos o movimento e as práticas e táticas de luta como atos de irracionalidade, mas sim como uma forma de rebeldia social que se organizou em torno de um ideal de mudança e que a partir disto criou um universo mítico, elegendo símbolos e criando mitos-heróis.

Como os Robin Hood da história, que se transformam e são considerados mitos, os monges e as “virgens” do Contestado, são pessoas reais que de alguma forma assim exerceram seu papel e como mitos foram capazes de transformar seu ideal e concretizá-lo sob forma de rebelião. “O homem violento que não se dispõe a suportar as cargas

tradicionais impostas ao homem comum em uma sociedade de classes, a pobreza e a humildade, podem escapar delas, unindo-se e servindo os opressores assim como revoltando-se contra os mesmos.¹⁸

As significações imaginárias para Cornelius CASTORIADIS (...) “são criadoras de um mundo, o mundo desta sociedade dada, instaurada desde o início na articulação entre um mundo” natural” e “sobrenatural” – ou, mais, geralmente, “extra-social” - , e um “mundo humano” propriamente dito.¹⁹

Longe da pretensão de enfatizar todos os aspectos e abordagens, sejam estes políticos, econômicos ou sociais, os quais diversos autores enfocaram nas inúmeras obras sobre este movimento, pretendemos analisar o imaginário feminino dentro do contexto messiânico presente no Movimento a partir dos poderes divinos atribuídos às “virgens” e a participação na Campanha devido às interpretações dos desejos do monge, tendo assim, todas as suas ordens no que se refere à formação dos redutos, à participação nas batalhas, rituais, punições e decisões relacionadas com o movimento, prontamente cumpridas e tidas como irrevogáveis.

¹ BALANDIER, G. **O contorno**: Poder e modernidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

² Ibid, op. cit. p. 89.

³ Ibd. Op.cit. p.97

⁴ D' ASSUMPÇÃO, op. cit. p. 78.

⁵ D'ASSUMPÇÃO, Herculano Teixeira. **A Campanha do Contestado: as operações da Columna do Sul. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1917.**

⁶ Depoimento Carlins, ⁶ QUEIROZ, M.V. **Messianismo e Conflito social**: a guerra sertaneja do Contestado (1912-1916). São Paulo: Ática, 1977 op. Cit

⁷ Monteiro, Duglas Teixeira. **Os errantes do novo século**: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado. São Paulo: Duas Cidades, 1974, p.13.

⁸ QUEIROZ, M.V. **Messianismo e Conflito social**: a guerra sertaneja do Contestado (1912-1916). São Paulo: Ática, 1977 op. Cit., p.57.

⁹ BACZKO, E. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Vol.5 – Anthopos-Homem. Lisboa: Imprensa - Casa da Moeda. 1885. p. 299

¹⁰ Monteiro, Duglas Teixeira. **Os errantes do novo século**: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado. São Paulo: Duas Cidades, 1974, p. 215.

¹¹ PEREIRA DE QUEIROZ. **O Messianismo no Brasil e no mundo**. op. cit. p. 80 QUEIROZ, M.V. **Messianismo e Conflito social**: a guerra sertaneja do Contestado (1912-1916). São Paulo: Ática, 1977

¹² D' ASSUMPÇÃO. p. 80.

¹³ PERROT. Michele. **Os excluídos da história**. op. Cit. p. 169

¹⁴ CHARTIER, O mundo como representação. In: Revista de Estudos Avançados. São Paulo: Editora da USP, v. 11, n. 5, p. 173-191, p. 183. Citação de MAUSS, M. Oeuvres complètes, 3, **Cohésion sociale** et divisions de la sociologie, Paris, Lês Eitions de Minuit, 1969, p. 178-245, p.210.

¹⁵ CHARTIER, R. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p.17.

¹⁶ HOBBSAWM, E. J. **Rebeldes Primitivos**: estudo sobre a formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro, Zahar. 1970.

¹⁷ Ibid, op. cit. p. 25.

¹⁸ Ibid, op. cit. p. 25.

¹⁹ CASTORIADES. C. **As encruzilhadas do labirinto III**: o mundo fragmentado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p.124.